

ESPECIAL CARAVANA LULA PELO BRASIL



A Fundação Perseu Abramo participou ativamente da Caravana Lula Pelo Brasil, uma jornada que envolveria, inicialmente, 25 cidades, mas movimentou a vida de pessoas de mais de sessenta municípios do Nordeste. Esse seria o saldo final da Caravana Lula Pelo Brasil, que começou no dia 17 de agosto e terminou no dia 5 de setembro, quando o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva cruzou o Nordeste.

A equipe da FPA (Otávio Antunes, Pedro Camarão, Matheus Tancredo Toledo, Ana Luíza Matos de Oliveira, Marcelo Manzano, Fernanda Estima, Vilma Bokany e Antonio Carlos Carvalho), que esteve durante os vinte dias ou parte deles no percurso, apresenta neste especial sua percepção sobre o reencontro com o sertão e o povo nordestino. A cobertura completa, com vídeos e textos está disponível na página LulaPeloBrasil.

A razão do afeto

O cenário do entorno da cidade de Picos (PI) é de seca. O Nordeste, que atravessou uma longa estiagem, não sofre os mesmos impactos que sofria décadas atrás.

Em Picos, onde Lula visitaria a cooperativa Apis, grande produtora de mel e que gera centenas de empregos diretos e indiretos na região, poucos podem acompanhar o ex-presidente em seu “tour” pelo interior do prédio. Do lado de fora milhares de pessoas enfrentam um calor de quase 37 graus agarradas a um gradil para ver o ex-presidente. Alguns passam mal, a organização do evento distribui água. Ninguém ameaça ir embora antes da chegada do líder operário.

Esse cenário se repetiu em quase toda caravana. Enquanto aguardam, os moradores da região respondem jornalistas sobre as razões do afeto a Lula.

As histórias narradas por gente simples em cada parada apresentam similaridades comoventes. Ouve-se sempre a expressão “antes não dava, antes não tinha” ou “não sei o que seria da minha vida”.

O relato do Seu Aginaldo Oliveira é comovente: “sou a primeira geração da minha família que não faz saque”. A frase ouvida por um paulista soa como o relato do

primeiro homem honesto da família. Mas não é disso que se trata. O saque para o sertanejo era sinônimo de sobrevivência. A única forma de conseguir comida em uma época que nem mendigar era possível, quanto mais plantar ou trabalhar em outra área.

A rede de programas criada por Lula (Bolsa Família, Luz Para Todos, Minha Casa minha Vida, Brasil Sorridente, Seguro Safra e Seguro Defeso) deu dignidade a milhões de pessoas. Parte da imprensa do Sul costuma reduzir Lula e sua relação com o Nordeste ao Bolsa Família.

Talvez não exista bobagem maior. O programa de expansão universitária foi avassalador. Em todo sertão existem campus universitários, inclusive de medicina. Mestres e doutores narraram a conquista de serem os primeiros em gerações a fazer faculdade. Negros, pobres, quilombolas que alcançaram o diploma antes impossível para seus antepassados.

A polarização política em que se meteu o Brasil e o ódio de classe impede muita gente de compreender a diferença brutal entre o país atual e o do século 20. Mas não se enganem: nas próximas décadas a experiência dos governos Lula será amplamente debatida



Tavessia do Rio São Francisco

e apropriada pela sociedade brasileira. E o legado do ex-presidente permanecerá, diferente dos seus algozes, como tem sido com outros líderes populares na história do país.

O que a mídia não quis mostrar

A caravana passou por nove estados do Nordeste, ele foi recebido e acompanhado por oito governadores e em todos os lugares por onde passou, acolhido por multidões enormes formadas por milhares de pessoas que estão sentindo a volta das dificuldades para sobreviver. Entretanto, os maiores veículos de jornalismo do país quase nada falaram sobre o assunto. A *Folha de S. Paulo*, o *Valor Econômico*, *O Globo* e o *Estadão* publicaram algumas notícias que focavam apenas nos discursos de Lula, nenhum desses veículos se interessou em ouvir os moradores dos locais por onde o ex-presidente passou.

Quando jornalistas desses veículos estavam presentes no trajeto, se preocupavam com questões totalmente desconectadas de problemas como a fome ou a sede que afetaram o sertão nordestino por tantos anos. É como se essa região do país não existisse, como se os problemas não fossem reais. É inacreditável que a grande imprensa, com tanta soberba e que

se auto declara imparcial e objetiva, ignore de forma tão violenta não apenas o que foi feito pelos governos do PT naquela região, mas também o medo que os moradores dessas localidades estão sentindo de voltarem a conviver com a fome e a sede.

Infelizmente, a TV Globo, a Record, o SBT, a *Folha*, o *Estadão*, *O Globo*, o *Valor Econômico* e todos os outros praticam um verdadeiro apartheid, fazendo com que o Brasil não possa se conhecer e não seja capaz de se compreender.

O reencontro de Lula com sua origem

Nos quase cinco mil quilômetros percorridos pela Caravana observamos a diversidade cultural da região, sobretudo das pequenas cidades e do sertão, onde a cultura popular é mais intensa.

O frevo e o maracatu, a literatura de cordel, os bonecos gigantes do carnaval de Olinda, o gibão e chapéu de couro, típicos do vaqueiro nordestino, quilombolas, povos indígenas como o potiguara e o tabajara, entre outras manifestações culturais da região saudaram Lula nos atos e paradas.

Jovens, que ingressaram nas universidades graças às políticas implementadas nos governos petistas

homenagearam Lula com a literatura de cordel, dom que trazem de herança de seus pais e avós sertanejos. A música “Vida de Viajante”, embalou a caravana pelo sertão, lembrando outro ícone da cultura nordestina, Luiz Gonzaga.

O boneco gigante de Lula, do artista plástico João Antônio, acompanhou a caravana. João, militante do PT-RN desde os anos 1980 e diretor da Associação Avoante de Cultura, mantida com recursos próprios, disse que durante os governos petistas participou de vários editais: “Houve descentralização dos recursos da área, o que proporcionou à cultura local conquistar seu espaço verdadeiro. O investimento na cultura popular e nos produtores culturais da região resgataram o patrimônio cultural e a identidade nordestina”. O Ministério da Cultura tinha orçamento de R\$ 3,3 bilhões, em 2015, após o golpe teve redução de 21%, passando para R\$ 2,6 bilhões, em 2016 e 2,5 em 2017.

A caravana de Lula, que arrastou multidões, é o reencontro dele com sua origem humilde, a cultura popular e a alma do sertão nordestino. Para Lula, governar é compreender a alma do povo de um país.



Visita à cidade de Nova Palmeira (PB)

Em cada parada inesperada, esperança

Pequenos palanques e carros de som, um pequeno amplificador com um microfone, ou apenas uma multidão fechando uma rodovia para ver o maior presidente que o país já teve. Um dos ingredientes mais fantásticos da Caravana Lula pelo Brasil foram as paradas de beira de estrada que não constavam no cronograma da viagem. As paradas em São Domingos (SE) e Acari (RN), o povo protagonizou cenas emocionantes e curiosas, algumas entre as diversas que ficarão nas memórias de quem presenciou a história acontecendo.

Na primeira, Lula agradeceu o carinho e explicou que na visita ao Campus Lagarto, da Universidade Federal do Sergipe, havia demorado uma hora para conseguir sair e seguir viagem, tamanha a multidão que queria

abraçá-lo ou tirar uma foto. Prometeu, portanto, que se todos dessem passagem para que ele subisse no carro de som que ali estava, falaria com todos. Instantaneamente, a multidão abriu um corredor para ele passar e falar com o povo.

Antes da chegada em Acari, passamos por Carnaúba dos Dantas, onde a população da cidade fez um corredor humano no trecho urbano da rodovia que passa pela cidade, saudando a todos que passavam. Em Acari, no domingo à noite, pes-



Visita ao acampamento do MST em Sergipe



Encontro com Elisabeth Teixeira, viúva de João Pedro Teixeira, o *Cabra Marcado Para Morrer*

soas saíram correndo de uma missa para ver o presidente, que parou e discursou. Com as paradas por todo o Nordeste, cada um dos 4912 quilômetros foi inesquecível.

Desenvolvimento regional e Mais Médicos

Em Ipojuca (PE), polo industrial que cresceu com a Petrobras durante os governos petistas, Lula afirmou que “quem aprendeu a comer peito de frango, não quer voltar a comer pé de frango”. Ipojuca é um exemplo da prioridade que Lula e Dilma deram ao desenvolvimento regional, pois durante os governos do PT o Nordeste cresceu acima da média do país e cidades menores se beneficiaram com o deslocamento de fábricas, da criação de Universidades e também dos efeitos na economia local do Programa Bolsa Família e dos benefícios da Previdência Social. No entanto, essa priorização do desenvolvimento regional tem sido desmontada e sofrerá ainda mais com a privatização de setores estratégicos, em especial na energia e infraestrutura.

Foi realizado também encontro com médicos bra-

sileiros e estrangeiros envolvidos no Programa Mais Médicos em Pernambuco, bem como gestores municipais e lideranças estaduais. A falta de médicos atingia cerca de 850 municípios brasileiros antes de 2013 e o Mais Médicos veio suprir essa lacuna. Em 2016, o programa chegou a ter 960 médicos em 157 municípios de Pernambuco. O risco, agora, é que se volte ao cenário de 2013. Hoje, os três eixos do Programa estão parados. No primeiro eixo, que consiste em levar médicos a locais com escassez, os contratos dos médicos têm vencido e o governo tem demorado a renová-los, o que inclusive foi relatado por alguns prefeitos no encontro. Os outros dois eixos do programa (abrir novas vagas em cursos de graduação de medicina e expansão das vagas de residência em especialidades prioritárias) também não avançaram com o governo golpista.

O povo e o trabalho

O Nordeste impressiona pela complexidade e capacidade transformadora. No Piauí, durante a Caravana Lula Pelo Brasil, duas cidades mostraram isso. Em

Marcolândia, cada aerogerador (moinho) instalado na terra das pessoas gera para elas um pagamento que pode chegar a três mil reais por mês. Um valor, até então, completamente improvável para aquela realidade e, em Picos, a produção rural orgânica de mel é feita com capacitação técnica e controle de todas as etapas produtivas pelos trabalhadores, organizados em forma de cooperativas.

Na reação das pessoas na passagem de Lula por variadas localidades, não havia apenas reconhecimento. Foi possível compreendermos a importância do legado dos governos petistas, e principalmente, a real sensação de que a criação de condições de trabalho e vida num local de tamanhas dificuldades naturais era o que eles mais precisavam.

Por onde andamos, Lula dizia que a fome era irresponsabilidade dos governantes. Era preciso acabar com a fome e gerar condições de vida para aquele povo poder trabalhar. O trabalho enquanto sinal de dignidade ganha uma ou outra dimensão: poder trabalhar significa que boa parte daquele povo hoje pode viver.

Desde que os governos invistam nisso.

Cabras e motocicletas ocupam o sertão

Os vinte dias da viagem de Lula pelo Nordeste serviram para mostrar o quanto o país está vivo e disposto a mudanças.

Entre os milhares de quilômetros percorridos, duas presenças são muito marcantes: as cabras e as motocicletas, ambas sempre citadas por Lula em seus muitos discursos feitos durante todo o trajeto, que se iniciou em Salvador (BA).

Nas longas paisagens à beira das estradas, com a pouca vegetação que ainda sobrevive à seca, o mais comum era avistar rebanhos de cabras, que como o povo nordestino, sobrevive apesar do sol intenso e falta d'água.

Dos mais de nove milhões de cabras do país, 90% estão no Nordeste. As cabras da raça brasileira não se deixam afetar pela seca nem pelos retrocessos que o golpe impõem ao país: elas proliferam, mesmo em estiagens prolongadas, ao passo que outros rebanhos sofrem perdas.

As motos também, se multiplicaram e substituíram os jegues, fato lembrado por Lula. "Antes o povo aqui andava de jegue, agora todo mundo tem sua moto". O Nordeste tem uma frota de mais de 15,2 milhões de motocicletas e nos vários atos realizados em beiras de estrada



Visita à cidade de Cedro (CE)

as mais variadas motos se faziam abundantemente presentes, ocupando a sombra dos postos de gasolina, porque os seus donos estavam mesmo era debaixo do sol a pino para ver, ouvir e quem saber até tocar em Lula.

Juventude despertada

À medida em que a Caravana de Lula rasgava o sertão nordestino, a cada ato de apoio ficava claro que um novo sujeito habita hoje aquele mundo: jovens que não apenas conseguiram entrar em um curso superior ou técnico, como pela primeira vez puderam concretamente apostar em uma mobilidade social que não dependa da migração e do abandono de sua terra e a sua cultura.

A seca ainda assusta, o solo segue salinizado, mas diversos campi de Universidades Federais e de Institutos Federais de Ensino Técnico pontuam aquelas paisagens improváveis. Professores que retornaram das cidades grandes dão entrevista na rádio para falar de gênero, alunos do curso técnico organizam oficinas para os produtores de queijo, membros do DCE se organizam contra o fechamento da usina de biocombustível que havia sido instalada em Quixadá (CE).

Um novo tipo de sertanejo - e eles são muitos

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas

Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 2016 o total de matrículas em cursos de graduação presencial na região Nordeste superou o número da próspera região sul do país. Se consideradas apenas as instituições públicas, a participação dos nordestinos é ainda mais significativa: 29,2% do total do Brasil (546 mil), muito próximo dos matriculados na região Sudeste (647 mil) e quase o dobro do número registrado no Sul (309 mil).

Claro que boa parte desses universitários do Nordeste está nos grandes municípios, mais próximos da costa. Contudo, depois dos governos do PT as distâncias e os nexos se estreitaram. Interior e costa, capital e povoado, se encontram, se conversam, se conectam. Hoje há no Nordeste um mundo de gente a quem foram abertas novas possibilidades de vida e de autodeterminação. E para essa gente, mais do que na das outras partes do país, o retrocesso político do golpe e os desmontes das instituições públicas que tardiamente se consolidavam na região são ainda mais regressivas e inaceitáveis. O neoliberalismo rentista dos golpistas põe a perder não apenas as bases de uma cidadania recém conquistada, como toda uma construção de futuro que nos últimos anos vicejou como nunca naquele solo trincado. Por tudo isso, a despeito de todos os impasses nacionais, de agora em diante parece improvável que se possa jogar o jogo da política brasileira sem levar em grande conta esse novo ator social: o jovem estudante nordestino.

